

A QUESTÃO IDENTITÁRIA EM CAETANO VELOSO

Felipe Pupo Pereira Protta¹

RESUMO

O presente trabalho se fixa na obra de Caetano Veloso e se propõe a discutir a questão identitária contida em sua obra. Vale ressaltar que Caetano, segundo a concepção de Stuart Hall, pode ser classificado como “sujeito pós-moderno”, por assumir, nos mais variados momentos, as mais diferentes identidades, as quais são marcadas histórica e não biologicamente. Assim, ganham enfoque neste trabalho as identidades: da mulher, do homem e do brasileiro, as quais representam algumas das várias identidades assumidas por Caetano, seja como compositor, seja como intérprete.

Palavras-chave: identidade, música popular brasileira, Caetano Veloso.

Caetano Veloso é uma referência obrigatória ao tratarmos de temas como cultura e música popular brasileira. Com uma obra tão vasta e plural que escapa a quaisquer rótulos ou classificações convencionais, Caetano Veloso vem, camaleonicamente, atravessando mais de quatro décadas em constante mudança e reinvenção.

Caetano, ao lado de Gilberto Gil, foi um dos fundadores do *Tropicalismo*, um movimento de ruptura de caráter cultural e político, visando à modernização da canção popular em relação ao que se tinha na tradição musical brasileira, tanto em relação à música propriamente dita, com a incorporação de elementos como o rock, a psicodelia, a guitarra elétrica, como na própria letra, na qual passou a não haver uma conexão tão clara entre os versos apesar de se tratar de um mesmo tema. Tais aspectos acabaram por moldar o processo de composição da música popular brasileira, e podem ser encontrados na obra de muitos outros cancionistas até os dias atuais.

Tatit (2002) afirma que Caetano Veloso acabou compreendendo todas as possíveis dicções da canção popular brasileira. Caetano, tanto na posição de compositor quanto na de intérprete, opta por viajar pela diversidade de dicções dos demais cancionistas, de forma a

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

encarnar os dons de todos eles. Assim, Tatit aponta que Caetano, dependendo do momento, como um camaleão, pode ser João Gilberto, Jorge Ben Jor, Chico Buarque, Roberto Carlos, Peninha, Vicente Celestino e até mesmo Carmen Miranda, incorporando, em sua dicção, elementos característicos de cada um destes artistas, e então, no momento em que Caetano volta a ser Caetano de fato, sua obra já foi miscigenada e fortalecida pelas diversas dicções. Tatit ainda pontua que, somando-se a isso, não pode ser ignorada a absorção praticamente constante da música popular internacional, de diferentes tempos e espaços, a qual já se tornou uma marca da obra de Caetano, indo dos Beatles a Michael Jackson, percorrendo de Mick Jagger a Prince, e passando, eventualmente, por figuras como Bob Dylan, Bob Marley, Bola de Nieve e Stevie Wonder.

Assim, o compositor e o intérprete Caetano Veloso se configuram, segundo a concepção de Hall (2006), como sujeitos pós-modernos, por assumirem, em diferentes momentos, as mais diferentes identidades, que são definidas histórica e não biologicamente. Dessa maneira, tais identidades não se encontram unificadas em um “eu” coerente, mas, ao contrário, estão sendo constantemente deslocadas e multiplicadas.

Vale ressaltar aqui que Caetano, ao assumir as diferentes identidades, assume também um discurso ambíguo. Assim, por exemplo, o fato de assumir a identidade de uma mulher, que na letra da canção se caracteriza como inferior ao homem, não permite afirmar que Caetano seja machista. Ao contrário, Caetano, ao assumir as mais diferentes identidades, faz uso de uma ironia para colocar em discussão elementos inerentes a tais identidades, a fim de propiciar uma reflexão mais crítica acerca de tais temas e, por vezes, até mesmo criticar comportamentos ou posicionamentos inadequados, como o machismo, por exemplo.

Tentaremos, neste texto, tratar de alguns aspectos identitários presentes na obra de Caetano Veloso.

“Princesa, surpresa, você me arrasou”

Uma das questões identitárias que poderiam ser destacadas na obra de Caetano diz respeito à mulher. São muitas as canções de Caetano Veloso que trazem referências à mulher, discutindo de diferentes aspectos relativos a ela.

Acerca da mulher ocidental de nosso tempo, Teixeira (2005) afirma que:

A mulher ocidental, nos últimos 70 anos, conquistou privilégios e liberdades nunca antes vislumbrados. Conquistou o mundo profissional; através dos métodos anticoncepcionais, adquiriu domínio sobre quando e como procriar. Fora do lar pôde desenvolver-se intelectualmente e emocionalmente; conquistou o direito ao voto e ao questionamento das relações de poder entre homem e mulher. Tudo isso tornam-nas mais igualitárias. Em contrapartida, quanto mais espaço ela foi ganhando no mundo, mais cobranças sociais surgiram a respeito da sua aparência e desempenho. (TEIXEIRA, 2005, p.39)

Talvez, uma das canções mais expressivas nesse sentido seja *Homem*, do álbum *Cê* (2006). Apesar do título, a letra traz os aspectos inerentes à mulher que são invejados por um homem, e os que não são.

Não tenho inveja da maternidade
Nem da lactação
Não tenho inveja da adiposidade
Nem da menstruação

A canção se inicia trazendo com o sujeito lírico afirmando não ter inveja, respectivamente, “da maternidade”, “da lactação”, “da adiposidade” e “da menstruação”. Como podemos observar, trata-se de traços característicos da mulher, já que ela é o ser dotado da capacidade de gerar filhos (maternidade), e justamente por isso, produz o leite que é o alimento essencial à criança durante os primeiros meses de vida (lactação). A adiposidade, que está ligada ao sobrepeso, é uma das preocupações ligadas à mulher, relativas à estética, atendendo, conforme afirmou Teixeira, a cobranças sociais, e à sua própria saúde no geral. A menstruação é outro processo ligado à natureza física da mulher, sendo que somente ela vivencia tal experiência. Assim, o homem estaria impedido de vivenciar tais características por uma imposição fisiológica.

Só tenho inveja da longevidade
E dos orgasmos múltiplos
E dos orgasmos múltiplos

A seguir são apresentados os aspectos que são invejados pelo sujeito lírico. Ele afirma só ter inveja “da longevidade” e “dos orgasmos múltiplos”. É conhecido e comprovado por pesquisas o fato de a mulher ter uma estimativa de vida maior que a do homem, e de ser também detentora da capacidade de ter orgasmos múltiplos numa relação

sexual. A questão sexual deixou de ser tabu para a mulher de nossos dias. Sentir prazer já não é mais algo que venha a trazer qualquer espécie de culpa à mulher.

Segundo Foucault (1985), a identidade feminina atual traz o sexo como algo que deve propiciar prazer, e não apenas a forma de cumprir o papel que lhe foi imposto, de ser mera genitora. Assim, também para a mulher, a relação sexual implica em um:

Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; prazer de escapar a esse poder: Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue – poder que afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar, de resistir. (FOUCAULT, 1985, p. 45)

Assim, ao sujeito lírico, na posição de homem, e, portanto, naturalmente incapaz de ter tais características, de fato, resta apenas sentir inveja.

Não tenho inveja da sagacidade
Nem da intuição
Não tenho inveja da fidelidade
Nem da dissimulação

Na continuação, são trazidos outros aspectos da mulher dos quais o sujeito lírico afirma não ter inveja. São eles, respectivamente: “sagacidade”, “intuição”, “fidelidade” e “dissimulação”. Estes aspectos diferem dos primeiros que foram citados como não invejados, pelo fato de não estarem ligados à fisiologia específica da mulher, mas apenas a traços de caráter e personalidade, os quais são comumente atribuídos à mulher, constituindo o estereótipo que foi criado a respeito dela. Porém os aspectos citados como não invejados, dessa vez não são exclusivos à mulher. Assim, não há qualquer impossibilidade de que haja homens devidamente sagazes, intuitivos, fiéis e dissimulados. Tais traços, apenas não são atribuídos à figura (ou estereótipo) do homem que foi construída na coletividade.

Eu sou homem
Pele solta sobre o músculo
Eu sou homem
Pelo grosso no nariz

Por fim, é dada a confirmação de que se trata de um sujeito lírico masculino com o verso: “Eu sou homem”. Na sequência, são elencados dois aspectos que seriam característicos da figura do homem: “pele solta sobre o músculo, e pelo grosso no nariz”.

Mais uma vez, trata-se de características relativas a estereótipos, as quais poderiam ocorrer tanto em indivíduos do gênero masculino quanto do feminino.

A caracterização feita na canção tratada acima, das figuras, do homem e da mulher aponta, em sua maioria, traços que dizem respeito à questão humana, os quais, portanto, seriam comuns aos homens e mulheres de diferentes tempos e espaços.

Vale aqui ressaltar que dentre todos os aspectos citados, os únicos que são de fato invejados pelo homem estariam vinculados à possibilidade de uma vida mais longa e à obtenção de prazer de uma forma mais intensa na relação sexual. Isso, de certa forma, reflete a visão distorcida que foi construída no ideário popular acerca da mulher, o estereótipo que a define como alguém inferior ao homem apenas pela diferença de gênero, e o machismo, que, apesar de vir sendo combatido, ainda ecoa em sociedades como a brasileira, em que, mulheres que ocupam a mesma função que homens em ambientes de trabalho, por vezes ainda ganham um salário inferior.

Tal sujeição da mulher já foi tratada por Caetano na canção *Esse Cara*, do álbum *Chico e Caetano – Juntos e ao vivo* (1972). Nessa canção, a voz que enuncia é de uma mulher, a qual afirma, acerca de seu marido, que ele está em sua vida *por que quer* e ela, *pra o que der e vier*.

Ele está na minha vida porque quer
Eu estou pra o que der e vier
Ele chega ao anoitecer
Quando vem a madrugada ele some
Ele é quem quer
Ele é o homem
Eu sou apenas uma mulher

Somente esse verso bastaria para trazer a inferioridade que é atribuída à mulher em relação ao homem. Numa relação amorosa, que pressupõe o desejo mútuo de duas pessoas estarem juntas, na canção fica claro que o homem está em tal relação por querer, por mera vontade, e a mulher, para fazer tudo o que lhe cabe, com plena disposição para cumprir aquilo que lhe cabe cumprir, quase que por obrigação, apenas por ser mulher.

Na mesma canção, numa espécie de conclusão a tal situação, a voz que enuncia afirma: “Ele é o homem / Eu sou apenas uma mulher”. Em ambos os versos é utilizado o verbo ser (é, sou), mas, na caracterização da mulher, aparece o advérbio “apenas”, dando a entender que a mulher, num juízo de valor, seria inferior ao homem, e, portanto, não teria o

direito de reclamar das falhas cometidas por ele na relação, tendo em vista sua inferioridade: “Quando vem a madrugada ele some / Ele é quem quer”.

A qualquer leitor que desconhecesse o autor de tais versos, estaria clara a posição machista, com tal atribuição de inferioridade à mulher. No entanto, não podemos nos esquecer de que Caetano Veloso traz à tona questões como essa justamente para criar a discussão e a oportunidade de se repensar e até mesmo criticar situações inaceitáveis. O fato de afirmar ser “apenas uma mulher” tem um tom quase que sarcástico, que extrapola a mera afirmação.

Acerca da questão da mulher, há muitas outras referências relativas a tal tema em outras canções, como, por exemplo, em *Dom de Iludir*, que contém os seguintes versos:

Você diz a verdade
A verdade é seu dom de iludir
Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir?

Como podemos perceber, é dado o fato de que apesar de a mulher dizer a verdade, seria quase que inconcebível querer que ela, apenas por ser mulher, pudesse viver sem mentir. Até mesmo porque, conforme consta na canção, mesmo ao dizer a verdade, ela faz uso de seu “dom de iludir”, dando a entender que ela, de certa forma, manipula tal verdade conforme lhe convém.

A simples questão do gênero determinaria a presença dessa característica de mentir. Tal caráter ‘mentiroso’ vem a ser mais um dos traços que compõem o estereótipo que é atribuído à mulher.

“Onde queres o lobo, eu sou o irmão”

Diferentes aspectos relativos à identidade do homem também se fazem presentes na obra de Caetano Veloso.

Uma das canções mais representativas nesse sentido talvez seja *O Quereres*, do álbum *Velô* (1984), que faz algumas referências à identidade masculina. Há uma estrutura que permeia quase que toda a canção, estabelecendo a distinção entre o que seria desejado por uma outra pessoa (“onde queres”) e o que de fato o sujeito lírico é (“sou”).

Onde queres família, sou maluco
E onde queres romântico, burguês

Onde queres Leblon, sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
Onde queres o sim e o não, talvez
E onde vês, eu não vislumbro razão
Onde o queres o lobo, eu sou o irmão
E onde queres cowboy, eu sou chinês

Os versos dessa canção seguem um padrão de construção ligado à oposição entre seus hemistíquios (conforme, diga-se de passagem, também se organiza o famoso poema de Camões, “Amor é fogo que arde sem se ver”). No lugar de alguém que preza a família e todas as tradições ligadas a ela, temos, no primeiro verso, o “maluco”, o qual não partilha dos mesmos valores (e talvez, até por isso seja chamado de maluco). Em seguida, ao invés de um romântico, um burguês, ou seja, não se trata de alguém que viva sonhando e idealizando a realidade, mas antes, alguém realista, apegado ao concreto. Inclusive, tal oposição também pode remeter a um indivíduo que não preza os sentimentalismos e as convenções, mas, propriamente, o dinheiro, a posse, etc.

A próxima oposição estabelecida se dá entre dois contextos urbanos, um bairro e um estado brasileiros, respectivamente. O primeiro deles, Leblon, é um dos bairros de classe alta do Rio de Janeiro e remete a todo um cenário característico da bossa-nova, o qual já foi tema não só de canções, mas até mesmo de telenovelas. Já o segundo, Pernambuco, não traz o mesmo glamour do famoso bairro carioca. O estado de Pernambuco localiza-se no Nordeste, e tal contexto, apesar de tudo, ainda é remetido ao contexto das secas e das difíceis condições de vida, apesar de todos os avanços, devido a condições climáticas. Tal contexto também já foi tema não só de canções, mas até de obras literárias regionalistas. A música característica de tal região não é a bossa nova, mas o forró. A título de exemplificação, para ajudar na distinção entre tais contextos poderíamos estabelecer a diferença entre a *Garota de Ipanema* que passeia pela praia e a *Asa Branca*, que bateu asas e voou do sertão dizimado pelas secas. O sujeito lírico de *O Quereres* se identifica com Pernambuco em tal distinção, dando a entender que se trata de um sujeito mais simples, um homem cuja personalidade é mais atrelada à masculinidade característica dos “cabras” do nordeste brasileiro.

A seguir, é dado o fato de que onde se desejaria um “eunuco”, tem-se um “garanhão”. A oposição entre tais termos tem um caráter antitético, pelo fato de tais termos terem significados que apontam para sentidos opostos. O “eunuco” estaria ligado a uma figura praticamente assexuada, e o “garanhão” a alguém que já manteve relações de cunho

amoroso não com uma, mas com diversas pessoas. O sujeito lírico da canção se liga a tal termo, dando a entender que se trata de alguém que desperta o desejo das pessoas na coletividade, por atributos como uma boa aparência física, e que, portanto, seria assim caracterizado.

A seguir, temos de um lado “sim/não”, e do outro “talvez”. Tal oposição poderia estar atrelada a traços de personalidade. Assim, de um lado temos um posicionamento decisivo, imparcial, adotando como resposta apenas “sim” ou “não”, sem quaisquer meios termos. Já do outro lado, com o “talvez”, temos alguém que se permite ter um outro olhar acerca dos fatos e da própria realidade, tendo consciência de que os limites entre as coisas não são tão bem estabelecidos. O sujeito lírico atribui a si o “talvez”, mostrando não ter certeza de tudo, estando, inclusive, apto a olhar as coisas de uma maneira diferente e a respeitar opiniões que venham a divergir da sua.

A oposição seguinte se dá entre uma pessoa que “vê” e outra que “não vislumbra razão”. Poderíamos associar isso a diferentes visões de mundo e da própria realidade, numa situação em que o que uma pessoa aprecia não tem o mínimo valor para a outra e vice-versa. A seguir, a distinção se dá entre o “lobo” e o “irmão”. A figura do lobo está diretamente associada ao que traz perigo ao homem, ao inimigo, com figuras como a do “lobo-mau”, e, ao mesmo tempo, ao que existe de contraditório no próprio homem (segundo uma concepção, o homem seria o próprio “lobo do homem”). Do outro lado, em oposição ao lobo, temos o “irmão”, a figura que está associada a alguém que não representaria, num primeiro momento, qualquer perigo ao homem, e que partilharia, em tese, das mesmas opiniões e valores. Caso não o fizesse, pelo menos respeitaria os aspectos divergentes.

Essa estrofe é finalizada pela oposição entre “cowboy” e “chinês”. Tal oposição traz à tona a ruptura existente entre oriente e ocidente, em termos de cultura. O cowboy é a pura representação da cultura dos Estados Unidos, capitalista por excelência. Tal figura traz consigo os atributos de masculinidade e de um poder que é conferido ao mais forte, até mesmo pelo uso de armas, no característico cenário do velho oeste. Já o chinês (apesar da explosão atual da economia chinesa, já bastante atrelada ao capitalismo) estaria ligado à valorização do espiritual e não do material, da paz e não da guerra, e etc., com todos os valores da cultura ocidental. Além disso, vale ressaltar que o cowboy já é uma figura comum na cultura brasileira (apesar de ser norte-americano), e, portanto, bastante

conhecido. Por outro lado, o chinês ainda tem um caráter enigmático por não ser uma figura tão comum em nossa cultura.

Assim, a figura do homem construída nessa canção, por diversos aspectos foge do estereótipo ligado ao homem. Tais aspectos são, inclusive, questionados em relação ao sujeito lírico na canção (as coisas que lhe são “queridas” ou exigidas, apenas por ele ser homem).

Tal característica é quase uma constante na obra de Caetano Veloso, no que diz respeito à identidade masculina. Podemos encontrar em diversas canções referências tanto a homens jovens quanto a velhos, homo e heterossexuais, etc. São trazidos à baila diversos aspectos que diferenciam os homens não apenas em relação às mulheres, mas entre si mesmos, refletindo a pluralidade que há, mesmo se tratando de um único gênero.

Outra canção bastante representativa em relação ao tema da identidade masculina é *O Homem Velho*, também do álbum *Velô* (1984). Tal letra trata do homem já em idade avançada (conforme o próprio título apresenta).

O homem velho deixa a vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais

A canção se inicia com a afirmação de que o sujeito lírico já não se importa com os assuntos relativos à vida e à morte. A idade avançada, que é sugerida no próprio título da canção, leva a pensar em alguém que já não tem expectativas ou mesmo aspirações para o amanhã, e, portanto, já não se preocupa, tendo deixado para trás, ao mesmo tempo, os ideais relativos à continuidade da vida, e também a preocupação com a morte.

O verso seguinte dá a entender que o sujeito lírico também não se martiriza com os possíveis erros que tenha cometido ao longo de sua vida, mas ao contrário, segue de cabeça erguida, olhando sempre em frente, focando-se apenas no que está por vir, sem jamais olhar para trás.

No entanto, apesar de não olhar para trás, na tentativa de não se lembrar de seus erros, o mundo se constitui como um espelho, refletindo e repetindo as ações que podem ter sido por ele desempenhadas num passado cinzento. Assim, querendo ou não, hora ou outra ele se depara com tudo o que já fez.

Ao fim da estrofe, o sujeito lírico é comparado ao “rei dos animais”, ou seja, o leão. Atentemos para a definição de tal figura, segundo Chevalier e Gheerbrant (2006):

Poderoso, soberano, símbolo solar e luminoso ao extremo, o leão, rei dos animais, está imbuído das qualidades e defeitos inerentes à sua categoria. Se ele é a própria encarnação do Poder, da Sabedoria, da Justiça, por outro lado, o excesso de orgulho e confiança em si mesmo faz dele o símbolo de Pai, Mestre, Soberano que, ofuscado pelo próprio poder, cego pela própria luz, se torna um tirano, crendo-se protetor. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2006, p.538)

Como podemos observar, o homem velho é associado à figura do leão exatamente por trazer consigo as características de “pai” (rever) e de “poderoso”, quase que “soberano” por uma superioridade que lhe é conferida, apenas por ser homem, mas, ao mesmo tempo, ele é “ofuscado pelo próprio poder”, ou seja, os mesmos elementos que o coroam, dando-lhe uma posição elevada, lhe rebaixam, conforme é afirmado na canção, acerca do sujeito lírico, o qual segue com a cabeça erguida (“cabeça a prumo”), no entanto, sem querer olhar para o próprio passado (“e nunca, nunca mais”).

A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas mãos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll
As coisas migram e ele serve de farol

A próxima estrofe se inicia com a afirmação de que “a solidão agora é sólida”, dando a entender que a solidão está presente, sendo de fato percebida como algo que o homem sente e com que ele convive dia após dia. Tal solidão pode estar associada à sua superioridade, sendo mais um dos elementos que o ofuscam, ou até mesmo à ausência da companhia de outras pessoas, como da esposa (que pode nunca ter existido, já ter falecido ou apenas estar separada dele) ou mesmo dos filhos e amigos que já não lhe dão atenção.

A seguir é revelado o fato de que “as linhas do destino nas mãos, a mão apagou”. Tal traço pode estar associado à questão da aparência do sujeito lírico, a qual, devido à idade avançada, tem como um de seus traços principais a presença de rugas, que acabam por deteriorar a sua imagem de certa forma. Assim, a impossibilidade de se ver as “linhas do destino” nas mãos pode estar associado às rugas, ou até mesmo à negação de visão, o desejo de não ver tais linhas e rememorar sua trajetória de vida, conforme já foi afirmado.

É trazido também que o sujeito lírico “tem a alma saturada de poesia, soul e rock’n’roll”. Isso permite afirmar que o sujeito lírico, em algum momento de sua vida, esteve ligado a formas de produção artística como a música e a literatura e, o fato de se afirmar que tais elementos “saturam sua alma”, dá a entender que tais coisas lhe marcaram positivamente, estando ligadas a uma possível memória afetiva de algo que lhe trazia prazer. No entanto, fica também marcada a inexorabilidade do tempo, que passa (“as coisas migram”), e que ele, no presente da enunciação, serve apenas de “farol”, iluminando um passado que já não mais existe.

A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas
A brisa leve traz o olor fulgaz
Do sexo das meninas

Na continuidade, é afirmado que “a carne” e “a arte” “ardem”. O ardor relacionado à carne pode estar ligado às dores que o sujeito lírico já sente em seu corpo devido à idade avançada. Já o ardor relacionado à arte, diz respeito justamente à arte de que ele se ocupava no passado, mas que, no presente, já não passam de lembranças apenas e, por isso, doem por sua ausência. No mesmo verso é afirmado que a “tarde cai no abismo das esquinas”. Esse “cair” da tarde simboliza o estágio da vida que o sujeito lírico vive. Estando já com uma idade avançada, em sua velhice, a “manhã” da vida já passou, ele contempla, em seu presente, o “cair” da tarde, e tal cair parece ocorrer num abismo que nunca termina, sendo ainda agravado pelas dificuldades características da velhice.

No entanto, apesar de tudo, o sujeito lírico continua sendo um homem, e, portanto, sente-se atraído pelo sexo oposto, devido a questões elementares à sua própria natureza. No entanto, na solidão em que vive, o contato mais próximo que ele tem com a figura feminina nesse sentido, se dá pela percepção do “olor fulgaz”, trazido pela brisa, que parece emanar do “sexo das meninas”, que estão ainda em sua juventude, na manhã de suas vidas.

Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron

A seguir vem a afirmação de que os cabelos do sujeito lírico têm o aspecto de uma “luz fria”, a qual é marcada por uma “tristeza de néon”. O fato de se associar a coloração

dos cabelos à luz néon deve-se à semelhança do brilho, que é adquirido pelos cabelos quando estes passam a ter uma cor mais acinzentada, aproximando-se do branco. Tal traço é outro dos que são característicos da idade avançada.

É retomado o fato de que o sujeito lírico não quer se lembrar de seu passado, com a afirmação de que elementos como “belezas”, “dores” e “alegrias”, passam “sem um som”, ou seja, silenciosamente, quase que de forma despercebida. É como se a memória, de forma involuntária, se encarregasse de trazer à lembrança o passado do sujeito lírico.

Apesar de não querer se lembrar, seria impossível não reagir a isso, portanto, o sujeito lírico acaba “rindo”, ao ser lembrado de bons momentos.

Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber que é imortal

Por fim, é trazido que elementos como “filhos”, “filmes”, “ditos”, “livros”, todos, igualmente, acabam por espalhar o sujeito lírico. Tal espalhamento acaba por fazê-lo ultrapassar as barreiras que o configuram apenas como um ser pessoal. Ele torna-se muito mais do que isso, brilhando, destacado, como uma “maravilha sem igual”, por ter ganhado, com o passar do tempo, também um aspecto positivo: a coragem de admitir e ver a si mesmo como um ser “imortal”.

“Gente, espelho da vida, doce mistério”

A identidade do brasileiro também pode ser verificada na obra de Caetano Veloso por meio de inúmeras referências trazidas nas canções, as quais ressaltam diferentes aspectos relativos a tal tema.

Poderíamos começar pela distinção que é estabelecida entre o Brasil e Portugal, a qual seria marcada inclusive no que diz respeito ao idioma português falado aqui em relação ao de lá:

E deixe os Portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira!

Nos versos dessa canção, há uma tentativa de demarcação da ruptura do Brasil em relação a Portugal (colônia e colonizador, respectivamente), em termos de nação, e, portanto, em termos de língua, tendo em vista que apesar de terem o português como língua oficial, os dois países apresentam realidades completamente distintas, marcadas inclusive nas diferenças existentes entre o português falado aqui e lá.

No entanto, não podemos nos esquecer (de) que a mesma canção contém versos como “Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luis de Camões”, portanto, tal ruptura é no máximo sugestionada, mas de forma alguma concretizada. Apesar de o sujeito lírico querer deixar os “Portugais morrerem à míngua”, é inegável o fato de que, a cada vez que ele se expressa, utilizando como meio a língua portuguesa, ele de fato “roça” a sua língua na de Luis de Camões. Mais uma vez, na suposta afirmação, há um estímulo à reflexão e a um pensamento mais crítico.

Assim, é trazida à tona a identidade do Brasileiro, cidadão do Brasil e falante de um português de fato característico daqui, adaptado aos usos e costumes do povo brasileiro. Isso é claramente expresso na referência à Mangueira, escola de samba que participa do carnaval, um elemento característico da cultura brasileira, de visibilidade internacional.

Segundo Ortiz (1994), temas como a cultura brasileira e a identidade nacional apontam para “um antigo debate que se trava no Brasil”. A necessidade da afirmação de uma cultura, e, portanto, de uma identidade de fato brasileira remonta quase que nossa origem como nação, e foi tema de grande parte de nossa literatura romântica (a qual teve uma fase que veio a ser classificada como “indianista”). Grandes personagens índios, como o bravo *Peri*, de *O Guarani*, e *Iracema*, da obra homônima, vieram a contribuir para a tentativa de consolidação de uma imagem de fato nossa, como a representação do “herói nacional”.

Caetano Veloso retoma o mito indígena da nacionalidade brasileira na canção *Um índio*, do disco *Bicho* (1977). Na letra desta canção, é trazida a projeção do futuro da nação brasileira, a qual não é nomeada, mas subjaz a uma clara referência que é feita ao contexto em que se passa o que é narrado, como um lugar que se localiza “no coração do hemisfério sul da América”.

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul
Na América, num claro instante

É narrada na letra, com o emprego do tempo verbal “futuro”, de forma mítica, a vinda triunfal de um índio, o qual chegará descendo de uma “estrela colorida, brilhante”, tendo pousado num local que já pode ser interpretado como chão brasileiro, surpreendendo a todos, “num claro instante”.

A seguir, é trazida uma referência do tempo em que ocorrerá tal fato (“depois de exterminada a última nação indígena”). Ou seja, tal índio virá de tal forma apenas após o extermínio da última nação indígena.

Depois de exterminada a última nação indígena
E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias
Virá

A caracterização desse “índio” que “virá” é associada, ao mesmo tempo, a elementos da natureza (“o espírito dos pássaros, das fontes de água límpida”), e da tecnologia criada pelo homem (“mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias”). Ou seja, tal índio voltará representando não só a multidão de índios que foi exterminada com o passar do tempo, como também apenas o espírito de elementos naturais como “pássaros” e “fontes de água límpida”, os quais, com o extermínio da nação indígena, também já não existirão. Além disso, tal figura superará as tecnologias mais avançadas (que se opõem à sua dependência apenas dos elementos da natureza) já criadas pelo “homem branco”.

Impávido que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé Filhos de Gandhi
Virá

A seguir, temos uma descrição da forma como tal índio virá. Vale ressaltar que todos os adjetivos e o advérbio que denotam as características de tal índio (“impávido”, “apaixonadamente”, “tranquilo” e “infalível”) estão ligados a figuras que representam “lendas” no imaginário popular, relacionados ao contexto das “lutas”, sendo, respectivamente, “Muhammad Ali”, “Peri” e “Bruce Lee”. Dentre as três figuras citadas,

apenas uma é ficcional, a saber, “Peri”, personagem principal da obra *O Guarani*, um romance indianista de José de Alencar.

Um índio preservado em pleno corpo físico
Em todo sólido, todo gás e todo líquido
Em átomos, palavras, alma, cor
Em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico
Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
Do objeto-sim resplandecente descerá o índio
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará
Não sei dizer assim de um modo explícito

É trazido na sequência que o índio estará exatamente da forma como era, preservado em todos os sentidos, desde os seus atributos físicos, em “pleno corpo físico”, até os relativos à personalidade e à sua espiritualidade específica, em “palavras”, “alma”, “cor”, “gesto”, “cheiro”, “sombra”, “luz” e “som”.

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio

Finalmente, é dado que o que será revelado aos povos que contemplarão tal cena será surpreendente não por ser “exótico”, ou seja, diferente ou desconhecido, mas apenas por ter “sempre estado oculto / quando terá sido o óbvio”, como se somente após a inexistência da figura do índio, todos os seus atributos pudessem ser de fato admitidos por todos, já que, apesar de estarem ocultos, constituem o óbvio.

Caetano, nessa canção, não só recupera o nacionalismo ufanista de autores românticos como José de Alencar, mas, ao mesmo tempo denuncia o massacre da população indígena. A permanência da figura do índio se dá não só por elementos relativos à sua própria cultura, como também a elementos que dizem respeito (à) fundação da cultura brasileira como um todo.

Considerações Finais

Conforme se tentou provar, Caetano Veloso, de fato, assume múltiplas identidades em suas canções, fator que o configura como um sujeito pós-moderno, segundo a

concepção de Hall. Foram tratadas, nesse texto, três delas: a da mulher, a do homem e a do brasileiro.

Vale ressaltar que o fato de assumir tais identidades não implica em compactuar com os estereótipos que foram criados a respeito de tais figuras. Assim, ao assumir a identidade feminina, e trazer em canções uma mulher se julgando como inferior ao homem, Caetano se utiliza de tal fato justamente para sinalizar, colocar em discussão posicionamentos como este (que por vezes passam despercebidos), a fim de despertar um posicionamento mais crítico, e, portanto, diferente do que, por diversas vezes impera no ideário popular.

Ao assumir a identidade masculina, Caetano também foge completamente do estereótipo que foi criado acerca do homem, ligado apenas à força física e a uma dominação em relação ao sexo oposto. Caetano, contrariando tudo isso, vem a mostrar a pluralidade que existe dentro de tal gênero, mostrando também as fraquezas, incertezas, revelando traços que são comumente atribuídos apenas às mulheres, mas que, no entanto se fazem presentes de igual forma nos homens (apesar de não serem admitidos).

Por fim, ao assumir a identidade do brasileiro, Caetano Veloso é um voraz defensor da cultura brasileira como um todo, indo do que diz respeito à língua até os costumes que temos como povo, desmistificando muitos aspectos que, muitos de nós, por vezes, seja por medo, seja por vergonha, não admitimos e não enxergamos em nós mesmos. A visão que ele tem de sua própria cultura está longe de ser idealizada. Caetano, assim como elogia os aspectos louváveis, também critica veementemente todas as incoerências e injustiças, conforme podemos observar em *Um índio*, canção que contém uma dura crítica ao constante massacre sofrido pelas populações indígenas em nosso país.

Referências bibliográficas

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 20.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TEIXEIRA, Márcia. *Fome de vida: a obesidade feminina à luz da gestalt-terapia*. in FRAZÃO, Lilian, ROCHA, Sergio. *Gestalt e Gênero: Configurações do masculino e feminino na contemporaneidade*. Campinas: Livro Pleno, 2005.

VELOSO, Caetano. *Letra só/ Sobre as letras*. Org. Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.